



GALILEU GALILEI

Diálogo  
sobre os Dois Máximos  
Sistemas do Mundo  
Ptolomaico e Copernicano

*tradução, introdução e notas de*  
Pablo Rubén Mariconda



editora 34

São Paulo, 2011

Copyright © Associação Filosófica Scientiæ Studia, 2011

Projeto editorial: ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

Direção editorial: PABLO RUBÉN MARICONDA e SYLVIA GEMIGNANI GARCIA

Projeto gráfico e capa: CAMILA MESQUITA

Editoração: GUILHERME RODRIGUES NETO

Revisão: BEATRIZ DE FREITAS MOREIRA

SERVIÇO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO DA FFLCH-USP

---



Associação Filosófica Scientiæ Studia  
[www.scientiaestudia.org.br](http://www.scientiaestudia.org.br)

editora  34

Rua Hungria, 592  
[www.editora34.com.br](http://www.editora34.com.br)

# Sumário

9	<b>Prefácios</b>
15	<b>Introdução:</b> <i>O Diálogo</i> e a condenação
77	<b>Sumário analítico</b>
83	<b>DIÁLOGO SOBRE OS DOIS MÁXIMOS SISTEMAS DO MUNDO PTOLOMAICO E COPERNICANO</b>
89	Sereníssimo Grão-Duque
91	Ao discreto leitor
95	Primeira Jornada
189	Segunda Jornada
355	Terceira Jornada
493	Quarta Jornada
	<b>Notas</b>
541	Notas da Dedicatória
547	Notas do Prefácio
555	Notas da Primeira Jornada
613	Notas da Segunda Jornada
723	Notas da Terceira Jornada
787	Notas da Quarta Jornada
	<b>Apêndice</b>
837	A Quarta Jornada do Diálogo e a teoria das marés
863	<b>Referências Bibliográficas</b>
873	<b>Índice de nomes</b>
883	<b>Índice de termos</b>

A meu pai, Letizio Mariconda,  
que tanto sonhou com o *Diálogo* em português.

## Prefácio da terceira edição

Esta é, em muitos aspectos, uma nova edição do *Diálogo*. O livro foi adequado ao novo acordo ortográfico da língua portuguesa, o que ensejou uma revisão geral do texto do *Diálogo* e dos textos complementares, com pequenas e poucas correções esparsas que, entretanto, não merecem menção, pois não produziram nenhuma modificação de posição interpretativa; foram acrescentadas três notas à Segunda Jornada (83\*; 136\*; 198\*), sem alterar a ordem das notas das edições anteriores. Foi feita uma atualização da bibliografia e algumas notas passaram a referir a vários trabalhos publicados em português depois de 2001. Diferentemente das edições anteriores nas quais a indicação da paginação da *Edizione nazionale* era feita entre colchetes à margem das páginas, agora ela é interna ao texto, marcando o ponto de mudança de página daquela edição. Também foram acrescentados a esta edição o Índice de nomes e o Índice de termos, que certamente facilitarão o acesso do leitor ao aparato crítico da obra. Finalmente, o livro ganhou um novo formato e uma nova diagramação, mais legível e mais elegante, integrando-se à Coleção de Estudos sobre a Ciência e a Tecnologia, como volume inaugural da série Clássicos da Ciência e da Tecnologia/Textos Integrais, publicados pela Associação Filosófica Scientiae Studia e Editora 34. Aproveito ainda para agradecer aos que colaboraram com esta edição, à equipe da Editora 34 pela cuidadosa revisão, a Cide Piquet pelas várias sugestões à Introdução, a Débora Aymoré pelo inestimável auxílio com os índices, a Guilherme Rodrigues Neto pelo cuidado e paciência na trabalhosa diagramação, e a Camila Mesquita pelo projeto gráfico.

São Paulo, julho de 2011.  
Pablo Rubén Mariconda

## Prefácio da primeira edição

A tradução aqui apresentada do *Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo tolemaico e copernicano* foi feita a partir do original italiano que se encontra no volume VII da conhecida edição nacional das obras completas de Galileu, editada por Antonio Favaro sob o título de *Edizione nazionale delle opere di Galileo Galilei*. Empreguei na tradução a reimpressão de 1933, publicada em Florença por Barbèra Editore. Essa edição crítica do *Diálogo* é uma reimpressão cuidadosa da primeira edição de 1632 com as figuras, esquemas e entradas de assuntos originais. Tendo em vista que essa edição de Favaro é utilizada pela maioria dos historiadores e intérpretes de Galileu como obra de referência das passagens citadas na literatura especializada, indico a paginação dessa edição, entre colchetes e na margem externa da página, marcando com uma barra vertical, na linha correspondente e o mais exatamente possível, o ponto de mudança da página na *Edizione nazionale*. Acredito que isso facilitará o trabalho para o leitor em língua portuguesa de encontrar as passagens citadas pelos especialistas. Esse mesmo expediente de indicar entre colchetes as páginas de passagens do *Diálogo* foi adotado nos comentários feitos nas notas, na Introdução e no Apêndice da presente edição. Para as passagens de outras obras de Galileu, adotei como padrão indicar com algarismos romanos o volume da edição nacional de Favaro seguido da referência das páginas. A margem externa das páginas também foi utilizada para as entradas de assuntos da edição original, como era habitual nos séculos XVI e XVII.

As figuras da edição original foram mantidas tanto quanto possível, mas receberam um tratamento eletrônico aquelas figuras que precisavam de maior nitidez para serem efetivamente auxiliares à leitura e ao entendimento do texto.

Convém lembrar que Favaro introduz em sua edição os acréscimos e as correções autógrafos de Galileu ao seu exemplar da primeira edição de 1632, que se encontra atualmente na Biblioteca do Seminário de Pádua. Diferentemente de Favaro que mantém o texto original da edição de 1632, apontando em nota para o acréscimo ou a correção, optei por introduzi-los diretamente no corpo do texto e no ponto determinado pelo autor, adotando o seguinte procedimento: para os acréscimos, a passagem acrescentada por Galileu vem entre colchetes ou, quando muito longa, separada por barras horizontais; quanto às correções, elas estão marcadas por notas que as explicam, alertando o leitor para a modificação.

Procurei, na medida do possível, assegurar a fidelidade textual da tradução, que foi feita da perspectiva da tradução literal, mantendo o texto em português o mais próximo possível do original italiano. A principal dificuldade neste trabalho consistiu na manutenção do estilo barroco do texto, e foi de grande valia a leitura detida de alguns dos *Sermões* do padre Antonio Vieira, jesuíta contemporâneo de Galileu, que utiliza em sua pregação no Brasil o mesmo estilo barroco. Empreendi, então, duas revisões completas do texto que permitiram destacar aquelas passagens nas quais era necessária uma revisão comparativa do texto de modo a manter a tradução literal, por um lado, fiel ao pensamento do autor e, por outro, numa estrutura sintática portuguesa capaz de transmitir o estilo e o ritmo do diálogo galileano. Cabe destacar que essas passagens são em geral fruto do duplo caráter – literário e polêmico – do *Diálogo*. Para concluir a revisão do texto em português, tornou-se então impositivo empreender uma revisão final comparativa das soluções dadas às várias passagens de sentido difuso no texto em português com as soluções de traduções em outras línguas. Utilizei, então, as seguintes edições: (1) a tradução inglesa de Giorgio de Santillana, que é uma revisão anotada da tradução de Thomas Salusbury de 1661, *Dialogue on the great world systems*. Chicago: Chicago University Press, 1953; (2) a tradução inglesa de Stillman Drake, *Dialogue concerning the two chief world systems*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1967; (3) a tradução francesa de René Fréreau, *Dialogue sur les deux grands systèmes du monde*. Paris: Éditions du Seuil, 1992; (4) a tradução espanhola de Antonio Beltrán Marí, *Diálogo sobre los dos máximos sistemas del mundo ptolemaico y copernicano*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

Além de seu valor literário como exemplo máximo do barroco italiano, o *Diálogo* é reconhecidamente um clássico da literatura polêmica científica e filosófica. Galileu, nessa obra, move uma violenta oposição à concepção tradicionalista do saber, combatendo a cosmologia teológico-filosófica tradicional, a astronomia ptolomaica e o modo tradicional de conceber a aplicação da matemática à astronomia e, em geral, ao estudo da natureza. Evidentemente, o *Diálogo* não possui apenas o caráter opositivo ou retórico, que está claramente presente em qualquer obra polêmica. Ele possui também um caráter constitutivo e inovador graças ao qual é considerado, pela unanimidade dos intérpretes, um marco no surgimento da ciência moderna. Esse duplo caráter – polêmico e revolucionário –, ao qual se pode acrescentar a necessidade de dissimular certas posições tendo em vista a censura inquisitorial, é responsável, em grande medida, pela complexidade de organização dos temas discutidos no decorrer das quatro jornadas. Resulta, desse modo, muito difícil para o leitor contemporâneo perceber em

muitas passagens bastante longas o *sentido* da polêmica ou o seu desenvolvimento, o *alvo* visado na crítica e as *teses* verdadeiramente asseveradas por Galileu.

Dentro desse quadro, torna-se necessário anotar o texto de modo a torná-lo acessível e compreensível ao leitor contemporâneo não especialista, fazendo emergir dos vários contextos polêmico-retóricos o seu significado crítico (negativo) ou constitutivo (positivo). As notas desta edição são, portanto, de dois tipos: *notas contextuais* e *notas interpretativas*. As primeiras visam chamar a atenção do leitor para o contexto da organização discursiva, indicando, por exemplo, as passagens de Aristóteles que estão sendo colocadas em questão ou as passagens de Copérnico às quais Galileu adere ou das quais ele se afasta. Outras dessas notas procuram fornecer a ambientação de muitas passagens em que são referidos indiretamente autores, assuntos, temas, tópicos ou polêmicas particulares que, embora claros na época de Galileu e, por isso, deixados implícitos, não possuem sentido para o leitor atual, que se sente confuso por não entender o contexto da passagem, perdendo o sentido ou o alvo da crítica de Galileu. As notas interpretativas, por outro lado, visam chamar a atenção do leitor para aspectos ou passagens do *Diálogo* que mereceram interpretações conflitantes dos mais renomados estudiosos da obra de Galileu, em especial, entre outros, Maurice Clavelin, Ernst Cassirer, Stillman Drake, Paul Feyerabend, Maurice Finocchiaro, Ludovico Geymonat, Alexandre Koyré, Giorgio de Santillana, William Shea, Libero Sosio e William Wallace. Nesses casos, apresento sucintamente as discordâncias e posições conflitantes, fornecendo indicações bibliográficas precisas para que o leitor, quando desejar, possa empreender um estudo mais aprofundado do ponto em questão. Além disso, muitas dessas notas ressaltam os pontos conceituais mais relevantes das quatro jornadas do *Diálogo*.

Cabe ainda lembrar que acrescentei a esta edição um Sumário Analítico do *Diálogo*. Nenhuma das várias edições consultadas fornece ao leitor qualquer organização sumariada dos conteúdos da obra. Com efeito, tampouco a edição de Favaro apresenta um sumário, o que é plenamente condizente com a forma dialógica da obra. Penso, entretanto, que um sumário que faça o inventário estrutural dos diversos assuntos tratados e organize no interior desses assuntos a complexa argumentação galileana pode ser útil ao leitor, auxiliando-o na localização dos assuntos e argumentos de Galileu na complexa trama argumentativa do *Diálogo*.

Por fim, a Introdução e o Apêndice foram anteriormente publicados nos *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, série 3, respectivamente no vol. 9, 1999 e no vol. 10, 2000. Eles são reproduzidos aqui com a autorização dos editores dos *Cadernos* e com pequenas correções e alterações que, entretanto, não mudam substancialmente seus conteúdos.



## AGRADECIMENTOS

Aos integrantes da banca do concurso de professor livre-docente, Profs. Marilena de Souza Chaui, Franklin Leopoldo e Silva, Luiz Roberto Monzani, Henrique Fleming e Hugh Lacey, por suas estimulantes arguições e pela chancela acadêmica.

A Maria Aparecida Correa Paty pela revisão do texto final da tradução e pelas muitas sugestões de correções sintáticas referentes à pontuação e ao estilo.

Ao Prof. Michel Paty, diretor de pesquisa do CNRS e diretor da Equipe REHSEIS, pela acolhida e apoio institucional durante toda minha estadia em Paris.

A Guilherme Rodrigues Neto por sua inestimável colaboração na composição e edição deste livro.

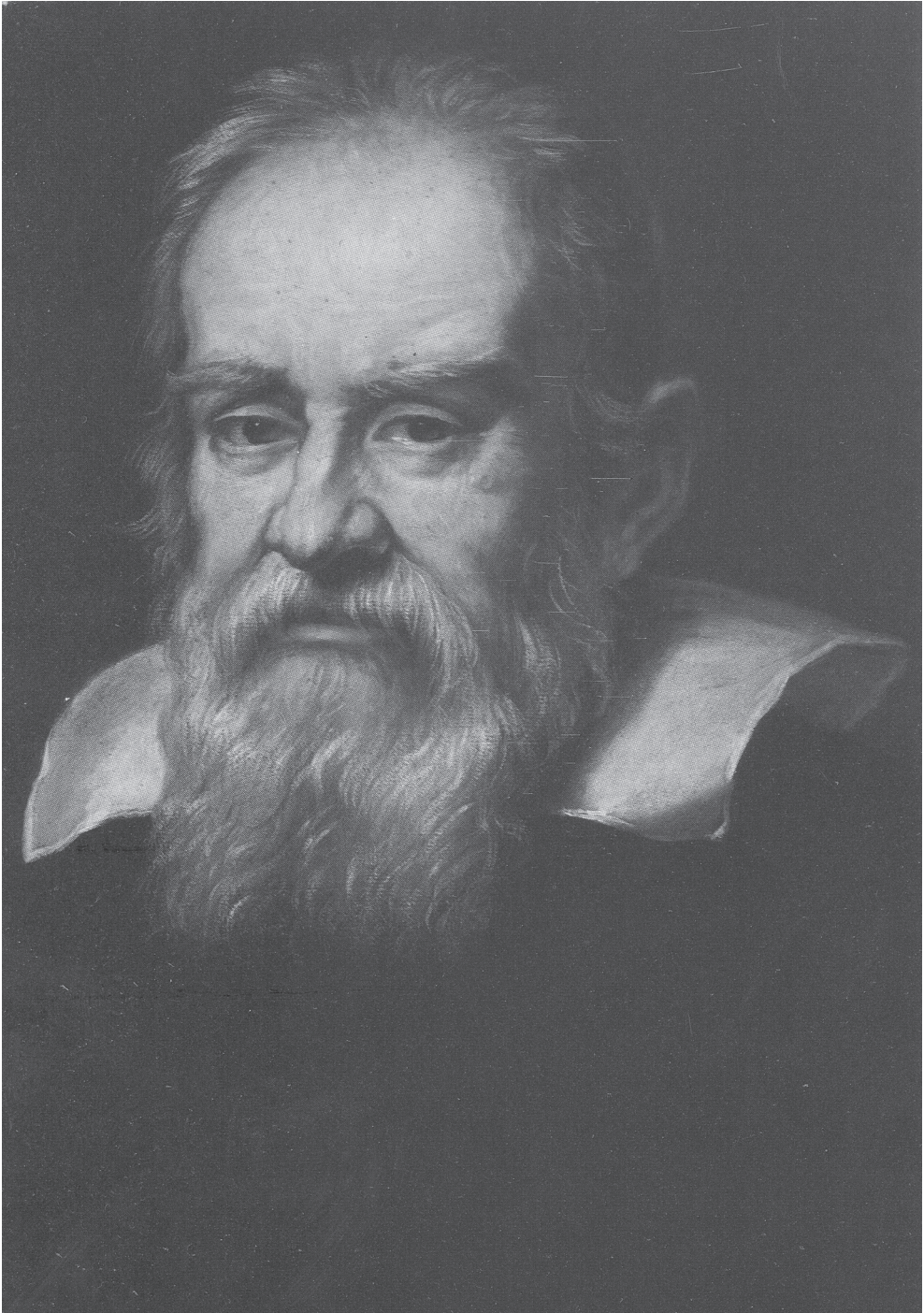
Em especial, ao Prof. Hugh Lacey por seu interesse em meu trabalho, pela ativa correspondência e gentil disponibilização de várias obras de difícil acesso e à Profa. Sylvia Gemignani Garcia por seu incentivo e estímulo constantes e pela revisão detalhada e cuidadosa da versão completa deste trabalho. A ela devo também a indicação dos *Sermões* do padre Vieira, que foram valiosos para o desafio de manter o estilo barroco do texto.

A meu filho Antonio Paulo Mariconda, que acompanhou ansiosamente em Paris o desenrolar do trabalho, contando e recontando as laudas à medida que iam ficando prontas. A meus filhos Pedro e Leticia pela compreensão e paciência.

Finalmente, ao Departamento de Filosofia da USP que aquiesceu com meu afastamento por dois anos liberando-me dos encargos didáticos e à FAPESP pela concessão da bolsa de pós-doutorado no exterior assegurando dedicação exclusiva a este trabalho no período de agosto de 1998 a julho de 2000 junto à Equipe REHSEIS do CNRS e à Universidade de Paris 7 – Denis Diderot e pelo auxílio concedido para a publicação desta obra.

São Paulo, fevereiro de 2001.  
Pablo Rubén Mariconda

\* \* \*



**Galileu Galilei (Pisa, 15/fev./1564 - Florença, 8/jan./1642). Retrato pintado por Justus Sustermans em 1636. National Maritime Museum, Greenwich, Londres.**

# Sumário analítico

## Diálogo sobre os Dois Máximos Sistemas do Mundo Ptolomaico e Copernicano

<b>I. Primeira Jornada: A Homogeneidade do Mundo</b>	[33]
<b>A. Movimentos naturais</b>	[33]-[62]
1. A tridimensionalidade do mundo e o papel da matemática na investigação da natureza	[33]-[38]
2. A classificação aristotélica dos movimentos naturais	[38]-[43]
3. Movimentos reto e circular: crítica teórica da classificação aristotélica dos movimentos naturais	[43]-[57]
3.1. O movimento reto acelerado e a uniformidade do movimento circular	[44]-[45]
3.2. Exposição sumária dos desenvolvimentos mecânicos do Acadêmico: queda dos corpos, velocidade e aceleração	[45]-[57]
3.2.1. a continuidade do movimento e os infinitos graus de velocidade	[45]-[46]
3.2.2. a reversibilidade do movimento e o plano inclinado	[46]-[52]
3.2.3. a conservação do movimento circular	[53]-[57]
4. O movimento da Terra: crítica empírica da concepção aristotélica do movimento natural	[57]-[62]
<b>B. A dicotomia céu-Terra e a dissolução do cosmo de Aristóteles</b>	[62]-[87]
1. Crítica ao argumento <i>a priori</i> da contrariedade	[62]-[71]
2. Crítica à justificação <i>a posteriori</i> da dicotomia	[71]-[83]
3. Crítica ao argumento teleológico	[83]-[87]
<b>C. A Terra e a Lua</b>	[87]-[127]
1. As sete similaridades entre a Terra e a Lua	[87]-[95]
2. A escabrosidade da superfície lunar e a reflexão da luz nos corpos lisos e escabrosos: espelhos, muros e montanhas	[95]-[112]
3. A reflexão da luz solar pela Terra e a iluminação secundária da Lua	[112]-[124]
4. Diferenças entre a Terra e a Lua	[124]-[127]
<b>D. O intelecto humano e o intelecto divino</b>	[127]-[131]

<b>II. Segunda Jornada: O Movimento Diurno da Terra</b>	[132]
<b>A. O problema do movimento diurno</b>	[132]-[159]
1. A autoridade de Aristóteles e a autonomia do pensamento	[132]-[139]
2. O princípio da relatividade do movimento e os sete argumentos em favor da rotação diurna da Terra	[139]-[150]
3. As objeções tradicionais ao movimento da Terra	[150]-[159]
3.1. As quatro objeções aristotélicas	[150]-[151]
3.1.1. o argumento do movimento violento	[150]
3.1.2. o argumento dos dois movimentos	[150]
3.1.3. o argumento do movimento natural	[150]
3.1.4. o argumento da queda vertical	[151]
3.2. As objeções de Ptolomeu e Brahe	[151]-[159]
3.2.1. o argumento por analogia: queda da torre e queda do mastro do navio	[152]
3.2.2. as quatro objeções dos tiros de artilharia	[152]-[153]
3.2.3. o argumento da “conversão” ou de como os copernicanos conhecem as razões contrárias a sua teoria e os aristotélicos desconhecem as razões copernicanas	[153]-[158]
3.2.4. o argumento dos corpos suspensos no ar: pássaros e nuvens	[158]
3.2.5. o argumento do vento	[158]
3.2.6. o argumento da extrusão	[158]-[159]
<b>B. Exame das objeções tradicionais</b>	[159]-[244]
1. Exame das duas primeiras objeções aristotélicas	[159]-[164]
2. Exame das objeções concernentes à queda dos corpos	[164]-[193]
2.1. Resposta à objeção da queda vertical	[164]-[169]
2.2. O argumento por analogia: a queda livre do mastro do navio	[169]-[175]
2.3. Apresentação das ideias do Acadêmico sobre a conservação e a composição dos movimentos	[175]-[193]
3. A relatividade do movimento: projéteis, pássaros e nuvens	[193]-[214]
3.1. Tiros elevados para oriente e para ocidente	[193]-[197]
3.2. A relatividade do movimento e os tiros verticais	[197]-[203]
3.3. O tiro do caçador: o problema dos tiros em um alvo em movimento	[203]-[205]
3.4. Tiros nivelados para oriente e para ocidente	[205]-[209]

3.5. O voo dos pássaros	[209]-[212]
3.6. Conclusão: a experiência do navio e a relatividade do movimento	[212]-[214]
4. Exame do argumento da extrusão e o papel da matemática	[214]-[244]
4.1. Primeira crítica: a formulação usual da objeção pressupõe que a Terra estava antes parada e só depois começou a mover-se	[214]-[216]
4.2. Segunda crítica: a reformulação da objeção afirma que a extrusão ocorre segundo a reta tangente ao círculo no ponto de separação	[216]-[229]
4.3. Digressão sobre a matemática e a realidade física	[229]-[237]
4.4. Terceira crítica: a extrusão depende da velocidade linear e do raio da circunferência	[237]-[244]
<b>C. Exame das objeções de autores contemporâneos</b>	[244]-[298]
1. Exame de dois argumentos anticopernicanos de Locher (1614)	[244]-[273]
1.1. A objeção mecânica da experiência imaginária de um corpo que cai da Lua	[244]-[260]
1.2. A objeção metodológica baseada na inexplicabilidade do movimento da Terra	[260]-[272]
2. A objeção do movimento “invisível”: o engano dos sentidos e a relatividade do movimento	[273]-[281]
2.1. Primeira crítica: o movimento compartilhado é imperceptível	[273]-[275]
2.2. Digressão sobre a dificuldade de realizar observações telescópicas no mar	[275]-[278]
2.3. Segunda crítica: o ar, no movimento de rotação, não fere, porque participa desse movimento	[278]-[279]
2.4. Terceira crítica: a sensação deve ser complementada pelo raciocínio (interpretada e corrigida pela razão)	[279]-[281]
3. Exame de três argumentos anticopernicanos de Chiaramonti (1628)	[281]-[298]
3.1. A objeção da impossibilidade de movimentos naturais compostos	[281]-[289]
3.2. A objeção da diferença de movimento entre naturezas diferentes	[289]-[293]
3.3. A objeção de que o movimento causa fadiga	[293]-[298]

<b>III. Terceira Jornada: O Movimento Anual da Terra</b>	[299]
<b>A. Exame dos argumentos de Chiaramonti (1628) sobre a estrela nova de 1572</b>	[299]-[346]
1. Cálculo das diferenças de paralaxe da estrela nova de 1572	[299]-[337]
2. As distâncias polar e estelar da estrela nova de 1572	[337]-[346]
<b>B. Os argumentos favoráveis ao movimento anual da Terra</b>	[346]-[383]
1. O centro do mundo e a construção sumária do sistema planetário copernicano	[346]-[368]
1.1. Discussão preliminar da concepção aristotélica da Terra como centro das revoluções planetárias	[346]-[349]
1.2. O argumento observacional em apoio ao heliocentrismo das revoluções planetárias	[349]-[354]
1.3. O argumento em favor do movimento anual da Terra a partir da simplicidade do heliocentrismo das revoluções planetárias	[354]-[357]
1.4. Resposta a três objeções astronômicas tradicionais: Marte, Vênus e a Lua	[357]-[368]
2. A explicação do movimento retrógrado dos planetas	[368]-[372]
3. A rotação do Sol e o movimento das manchas solares	[372]-[383]
<b>C. Exame das objeções ao movimento anual da Terra</b>	[383]-[441]
1. A oposição teológica baseada no relato bíblico	[383]-[385]
2. As objeções de Locher (1614): o tamanho das estrelas e a dimensão da esfera estelar	[385]-[399]
2.1. A objeção do tamanho das estrelas	[385]-[392]
2.2. A objeção da ausência de paralaxe	[392]-[399]
3. Três questões periféricas	[399]-[404]
3.1. As observações de Brahe desconsideram os efeitos do movimento anual da Terra	[399]-[400]
3.2. A elevação do polo celeste	[400]-[403]
3.3. As mudanças nas elevações estelares	[403]-[404]
4. A dificuldade de detecção das paralaxes estelares	[404]-[416]
5. O movimento aparente do Sol	[416]-[423]
6. O magnetismo: multiplicidade de movimentos naturais e a constância da inclinação do eixo da Terra	[423]-[441]

<b>IV. Quarta Jornada: A Teoria do Fluxo e Refluxo do Mar</b>	[442]
<b>A. Introdução ao problema das marés</b>	[442]-[449]
1. Breve relato preliminar dos efeitos observados das marés	[442]-[445]
2. As explicações anteriores e a nova explicação geocínética das marés	[445]-[449]
<b>B. A explicação do período diário das marés</b>	[450]-[462]
1. A causa primária das marés	[450]-[454]
1.1. A analogia entre a barca com água em movimento e a Terra e seus oceanos em movimento	[450]-[452]
1.2. As marés como o resultado da composição dos movimentos de rotação e translação da Terra	[452]-[454]
2. As cinco causas concomitantes das marés	[454]-[457]
2.1. A água levantada volta por si mesma ao equilíbrio	[454]
2.2. Nos vasos mais curtos, as alternâncias são mais frequentes	[454]
2.3. A maior profundidade aumenta a frequência das alternâncias	[454]-[455]
2.4. A água eleva-se e abaixa-se nas extremidades do vaso e escorre nas partes medianas	[455]
2.5. Os efeitos das marés dependem da orientação dos mares	[455]-[457]
3. A explicação dos efeitos secundários das marés	[457]-[462]
3.1. A inexistência de marés em pequenos mares e lagos	[457]-458]
3.2. O período diário de seis horas das marés	[458]-[459]
3.3. A inexistência das marés nos mares orientados na direção norte-sul	[459]
3.4. As marés são máximas nas extremidades dos golfos e mínimas nas partes centrais	[459]
3.5. As correntes são fortes nos estreitos	[459]-[460]
3.6. As razões do regime das marés: aceleração e retardamento das partes da Terra, gravidade da água e ação dos ventos	[460]-[461]
3.7. Os efeitos do desagramento dos rios nos pequenos mares	[461]-[462]
4. O comportamento da água e o comportamento do ar	[462]-[470]
4.1. A objeção ao movimento da Terra tomada das diferenças de comportamento da água e do ar	[462]-[464]
4.2. O argumento a favor da mobilidade da Terra tomado da aura perpétua que sopra de oriente para ocidente	[464]-[470]

<b>C. A explicação dos períodos mensal e anual das marés</b>	[470]-[485]
1. Apresentação preliminar da dependência entre os períodos mensal e anual e o período diurno das marés	[470]-[472]
2. A explicação do período mensal das marés	[472]-[482]
3. A explicação do período anual das marés	[482]-[485]
<b>D. O “remédio do fim” de Urbano VIII: o argumento contra a teoria geocinética das marés tomado da onipotência divina</b>	[485]-[489]







# DIALOGO

DI

GALILEO GALILEI LINCEO

MATEMATICO SOPRAORDINARIO

DELLO STUDIO DI PISA.

*E Filosofo, e Matematico primario del*

SERENISSIMO

GR.DVCA DI TOSCANA.

Due ne i congressi di quattro giornate si discorre  
fopra i due

MASSIMI SISTEMI DEL MONDO  
TOLEMAICO, E COPERNICANO;

*Proponendo indeterminatamente le ragioni Filosofiche, e Naturali  
tanto per l'una, quanto per l'altra parte.*

CON PRI



VILEGI.

IN FIORENZA, Per Gio:Batista Landini MDCXXXII.

---

CON LICENZA DE' SUPERIORI.

Imprimatur si videbitur Reuerendis. P. Magistro Sacri  
Palatij Apostolici.  
A. Episcopus Bellicastensis Vicesgerens.

Imprimatur  
Fr. Nicolaus Riccardius  
Sacri Palatij Apostolici Magister.

*Imprimatur Florentia ordinibus consuetis seruatis.*  
*11. Septembris 1630.*  
*Petrus Nicolinus Vic. Gener. Florentia.*

*Imprimatur die 11. Septembris 1630.*  
*Fr. Clemens Egidius Inqu. Gener. Florentia.*

*Stampisi adi 12. di Settembre 1630.*  
*Niccolò dell'Alcella.*

Para continuar a jornada, compre seu exemplar pelo  
e-mail [vendas@scientiaestudia.org.br](mailto:vendas@scientiaestudia.org.br)



Este livro foi composto em filosofia  
e impresso em abril de 2011.